

## Capítulo 5

### Vida da Igreja além da “Unidade”

“Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer.” (Gênesis 11: 6).

Provavelmente não há um pedido mais convincente para os cristãos sérios do que os crentes serem um. O senso de dever em unir mãos e corações parece uma parte orgânica do próprio pacote de salvação que todos nós recebemos. O Senhor Jesus orou “para que todos sejam um” (João 17:21) e Sua petição ecoa nas câmaras de nosso ser interior. A Bíblia realça temas sobre unidade, partilha, unanimidade, comunhão, pensar a mesma coisa e igualdade. Estes são pontos críticos, como todos os outros, mas decidem o valor da nossa experiência na igreja. Alternadamente, a divisão é rotulada como algo da carne, mencionada no mesmo fôlego como idolatria, feitiçaria e ódio (Gl 5:20).

Não é difícil entender a razão pela qual buscar crentes que seriam atraídos por qualquer grupo que enfatizasse a unidade cristã. Quando eu encontrei pela primeira vez o Movimento da Igreja Local e sua ostentação de unidade, eu certamente estava impressionado. Então, sem saber nada das atitudes do grupo, “eu comprei o produto”.

O problema (que eu não poderia ter conhecido como um recém-salvo de 21 anos de idade) é que grupos religiosos podem apropriar-se de versões errôneas da unidade. Não é muito difícil fazer isso. Considere o cenário: algumas pessoas em particular estão muito preocupadas com a unidade. Eles têm uma visão de edificar algo elevado e profundo. Eles têm a mesma opinião, falam a mesma coisa, alcançam unanimidade em seus esforços e são bem-sucedidos no início de seu trabalho. Mais tarde, alguma frustração começa a aparecer; um falar diferente, e então aquilo que eles tanto temem vem sobre eles – divisão. Os que estão no grupo culpam uns aos outros pelo problema, e alguns culpam o diabo, mas ninguém culpa a Deus, que, como se vê, é diretamente responsável por “bagunçar” sua unanimidade. Não, isso não é, de *per si*, o caso isolado de um grupo cristão que deu errado. Não é outra senão a história de Babel de Gênesis, capítulo 11. É também a primeira intimação escriturística de que a unidade, mesmo por boas razões, pode desagradar a Deus.

Mas dizer a diferença entre a autêntica unidade endossada por Deus e uma falsificação pode ser difícil. Não há muitos sinais de aviso ao longo do caminho. Onde alguns aparecem, coisas positivas parecem sempre desviar a atenção delas. Por exemplo, o primeiro leitor de Gênesis 11 não detectará nada fora de ordem. Havia uma linguagem comum e um moral de grupo que

envolvia energia e auto-sacrifício. Unanimidade, um acordo geral de pensamento e ação poderiam ser vistos em sua determinação de “construir uma torre”. Sua missão declarada de “construir” era construtiva e seu desejo de torná-la “alta” era inspirador. No entanto, a piada era que Deus odiava isso. O leitor “verde” fica um pouco confuso. Qual era o problema? Os indicadores na estrada foram todos positivos. De fato, coisas como zelo, unanimidade e uma visão de edificação são bíblicas. Por que Deus acharia a unidade gerada por essas coisas repugnante?

A resposta está na proposição mais central da vida da igreja - o próprio Cristo. Antes que uma unidade seja procurada por obras e objetivos, a questão mais primária de Sua Pessoa deve ser mantida. Isso envolve Suas virtudes, como justiça, veracidade, amor, bondade e misericórdia. Nossa unidade está em primeiro lugar lá. Quando começamos a fazer algo, não nos esquecemos da Pessoa em que estamos. Durante o trabalho do evangelho, João e Tiago se frustraram e quiseram fazer descer fogo do céu sobre aqueles que rejeitavam seu ministério. Jesus os repreendeu, e alguns manuscritos da Bíblia acrescentam que Ele lhes disse: “Vocês não sabem de que espírito vocês são” (Lucas 9:55). Até mesmo a unidade de um empreendimento espiritual pode se tornar feia quando está fora dos atributos de Deus.

Gênesis 11:5 diz: “o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens haviam construído”. Isso implicava que Ele não fazia parte do projeto em Babel. Nós não encontramos que Deus precisou descer e ver a arca de Noé, o tabernáculo de Moisés ou o templo de Davi, pois Ele estava intimamente envolvido com todos esses esforços. Ele também não teve que descer e ver o que Jesus ou os Apóstolos haviam feito. No entanto, a unidade em Babel foi forjada fora Dele e, portanto, não conhecia nada de Sua Pessoa. Foi organizada à ilegalidade. Sem a restrição de Seus atributos em suas partes internas, nada que eles propusessem fazer seria retido deles (Gn 11:6).

O Movimento Igreja Local e outros grupos da mesma classe afirmam habitualmente que sua unidade é de Cristo somente. Mas a afirmação de um homem é tão válida quanto a de outro homem. Portanto, não paramos de perguntar o que é ensinado sobre a unidade. Se a unidade realmente é de Cristo, haverá fruto dela – algo visível, mensurável e verificável. Alternadamente, se a anunciada “unidade em Cristo” é falsa, se ela contradiz grosseiramente a Sua verdade ou virtudes, então o fruto também nos dirá isso. Frutificar sempre revela a natureza de uma árvore, mesmo que a placa decorativa pendurada em seus galhos conte outra história.

Nos últimos tempos, os ataques inspirados pelo LSM nas igrejas do Meio-Oeste tornaram-se uma bênção desagradável para aqueles de nós que oravam por clareza. Em nossa situação particular aqui em Columbus, lembro-me de olhar para um tribunal de seguidores do LSM que estavam esperando ganhar um julgamento contra a igreja aqui. Fiquei impressionado com o escárnio cego de vozes clamando baixinho “Ó Senhor Jesus” para um Deus cuja palavra

escrita condenava claramente o que eles estavam fazendo – um irmão indo à julgamento contra outro irmão (1Coríntios 6:6). Mas, em tudo isso, frutos foram dados, tornando desnecessária a dúvida razoável, a busca contínua ou o discernimento de nossa parte. Ficamos claros que não estávamos lidando com o Corpo de Cristo, mas com alguma outra coisa, uma entidade cuja unidade não era divina.

Se não tivéssemos certeza suficiente, mais evidências seriam apresentadas. Pois, para explicar a fruta apodrecida e podre que haviam produzido, mais inverdades estavam por vir. O grupo tentou dizer que estava apenas processando a corporação da igreja, mas não a própria igreja (embora não tenha sido uma entidade corporativa desencarnada que acabou pagando as despesas legais). Em outras tentativas de estabelecer a legitimidade dos métodos do grupo, foram feitas alegações contra o presbitério da igreja sobre a má administração de fundos (sem a qual não poderia haver futuro para o processo e nenhuma justificativa na frente de outros). E quando tudo isso não funcionou, o absurdo mais escandaloso – dizer que nunca houve uma ação judicial (essa foi uma grande gargalhada dos advogados).

Nenhum limite parecia existir quanto ao quanto essas pessoas fingiriam ignorância, usariam exagero, brincariam de “bacana demais” com possíveis recrutas na igreja, utilizariam piedade oca e fariam a verdade (tanto da Bíblia quanto dos eventos que vão na igreja), enquanto alegam sua inocência. A “árvore” eventualmente floresceu com esse tipo de fruta em todos os ramos. Estávamos totalmente convencidos de que não era a unidade da qual o Senhor falou quando Ele orou para que “todos fossem um, como o Pai está em Mim e eu em vós”.

### **Unidade de acordo com Paulo, não Nimrod**

Nimrod fundou Babel (Gen. 10:10) e a unidade de seu reino foi primeiramente estabelecida no esforço humano e numa linguagem comum. É diferente no Novo Testamento. O apóstolo Paulo apresentou a unidade do Novo Testamento como “a unidade do Espírito” (Efésios 4:3). A partir do momento em que uma pessoa recebe o Espírito Santo, a união com todos os outros cristãos é o resultado imediato. O Espírito nele é o mesmo Espírito neles - não o mesmo tipo, mas o mesmo. Já que somos advertidos a manter a unidade (não inventá-la), o único perigo real está em fazer coisas ignorantes para perturbá-la.

Infelizmente, dado nosso histórico do Movimento Igreja Local, muitos de nós foram ensinados a insistir em várias coisas, incluindo itens não essenciais. No entanto, a estrutura pretendida de nossa unidade não é tão complexa, repleta de pequenos pensamentos e nuances. É composta de sete itens gerais representando a Pessoa e a obra do Deus triúno (Efésios 4:4-6). Tentativas de forjar a unidade fora dessas coisas historicamente danificaram o Corpo de Cristo.

Cada grupo que tenta fazê-lo reivindica a estrutura de Efésios 4, mas depois cita a necessidade de itens adicionais. A unidade se torna para eles um assunto em seus próprios termos. Eles lamentam a divisão e anseiam pela união entre os crentes, mas acham que parece que todo mundo está perdendo seus “extras” e se juntando a eles e seus extras. A mentalidade clássica da Igreja Local também corre ao longo destas linhas. Um consenso popular entre a linhagem do LSM é que a unidade ocorreria se todos pudessem “ficar claros” sobre o Ministério da era e o pico elevado da revelação divina. Se ao menos o mundo estivesse repleto de orar-ler, de um invocar repetitivo alto e de um respeito generalizado e sem fronteiras por Witness Lee, então a unidade seria encontrada.

Mas o Apóstolo [Paulo] nunca expressou a esperança de que todos concordemos com todos os pontos de doutrina. Ele ordenou respeito e tolerância por uma vasta multidão de convicções pessoais (conf. Rom. 14). Paulo, no entanto, escreveu sobre sua esperança de que todos nós viríamos à “unidade da fé” (Efésios 4:13). Se já fôssemos um, então por que precisaríamos alcançá-la? Porque, infelizmente, os cristãos acumulam muitos itens que não são da fé, que se fixam a eles como se fossem moscas. Em essência, começamos bem como cristãos recém nascidos, exuberantes sobre a fé e outros crentes. Mas depois, através de várias “ajudas”, aprendemos a começar a adicionar requisitos. Geralmente estas são coisas benéficas; algumas até derivam das escrituras. Mas à medida que a lista de “necessidades úteis” cresce, o alcance da inclusão encolhe. Esses novos equipamentos envolvem tudo, desde modos de ter a Mesa do Senhor a estilos musicais permitidos, a materiais de leitura específicos.

É impossível para todo o Corpo de Cristo encontrar unidade nessas coisas, então o Senhor deve realmente realizar uma obra redutora entre Seus filhos, subtraindo tudo, exceto os sete itens de Efésios 4. Através de um processo de tempo, maturidade e difíceis lições, Ele redireciona nossa paixão para “a fé uma vez entregue aos santos” (Judas 3). Com nosso foco neste centro sem adornos geralmente mantidos por todos os crentes, nos encontraremos em paz e em coordenação com eles com muito mais frequência.

### **Quem é o “Corpo”?**

Se receber o Espírito produz uma unidade imediata com todos os outros crentes, então devemos confessar que o Corpo de Cristo é enorme, além do escrutínio finito, e está se expandindo diariamente. Quando essas mesmas pessoas que receberam o Espírito se reúnem na fé, tornam-se então uma expressão visível de “um só Espírito e um só Corpo” (Efésios 4:4). Mesmo desse ângulo prático, Efésios 4 e a espiritualidade contida nele são muito amplas para permitir que qualquer organização especial coloque sua bandeira sobre ele. No entanto, o Movimento Igreja

Local, que representa uma unidade muito menor do que a de Efésios 4, fala repetidamente de si mesmo como “o Corpo”. Um de seus obreiros disse recentemente sobre os membros que deixam o movimento: “Você não pode sair, há apenas uma videira; você não pode prosseguir com uma videira diferente.” Esta observação revela uma suposição básica delirante de que as Igrejas Locais são a plenitude do Corpo de Cristo. Se isso é um ensinamento oficial ou não é irrelevante. Uma vez que a afiliação geralmente mantém uma atitude, ela é tão poderosa quanto um decreto oficial.

Fiquei espantado com a singular falta de vontade dos adeptos do LSM em admitir essa visão enquanto falava com uma sala cheia deles em Columbus. No entanto, dedique algum tempo à conversa casual de qualquer pessoa no campo do LSM e você rapidamente descobrirá que eles nomearam e reivindicaram direitos ao título de “o Corpo”. Na verdade, a terminologia “O Corpo” é invocada com tanta frequência que ela assumiu um significado de senha. Decodificado pelo contexto, significa aqueles que continuam submissamente dentro das Igrejas Locais e se submetem à autoridade do LSM.

É comum que grupos exclusivos pensem que somente suas igrejas associadas compreendem a realidade interna do Corpo de Cristo. J. R. Caldwell, um crente entre os *Irmãos* escreveu:

...quando nos voltamos para o último vislumbre historicamente da igreja encontrada nas Escrituras, ou seja, em III João, e encontramos lá o apóstolo João e o mais espiritual dos santos “fora” e Diótrofes e seus seguidores “por dentro”, é uma situação inútil. Quando a confusão se desenvolve mil vezes, qualquer círculo de assembleias confederadas forma um completo e divinamente reconhecido “por dentro”. Na verdade, a afirmação é uma mera suposição, e é refutada pela experiência e testemunho de muitos que, embora considerados por alguns como “estranhos”, estão realmente “por dentro” e desfrutando ricamente da comunhão do Pai e do Filho. (Ironsides, 142)

### **Unidade – Franquia ou de outra forma?**

Lembro-me vividamente de um dos atuais “Cooperadores Entremesclados” afirmando fortemente que a unidade não era uma questão de uniformidade. Então, no mesmo instante, ele falou sobre o quão bom seria, se estivéssemos todos na mesma página no mesmo livro. Em uma respiração, uma admissão de que a unidade não é uniformidade, na próxima respiração, um anseio por essa uniformidade.

O mesmo desejo preenche o coração da maioria dos obreiros do Movimento quando se instalam em novas cidades e procuram iniciar uma Igreja Local “adequada” lá. Isso envolve a

implementação de materiais, práticas, atividades, programações de conferência e treinamento, estilos de reunião e linguagem interna. É exatamente o mesmo de uma cidade para outra, um fato do qual os membros do Movimento são muito orgulhosos. Afinal de contas, mostra sua “unidade”.

No entanto, essa unidade é muito parecida com a de uma cadeia de *fast food*. O McDonald's, por exemplo, é imediatamente reconhecível devido a seus arcos dourados. Ao vê-los, mesmo sem passar pela porta, sabemos o que há dentro - os uniformes e até itens de *menu* e custos. Com pouca variação, de Paris a Los Angeles e a Cingapura, estamos todos certos sobre o que o McDonald's tem a oferecer. De fato, se algum local não estiver de acordo com a “unidade” da cadeia, ele será considerado “não adequado” e não será permitido na franquia!

Tendo viajado um pouco extensivamente, percebi que isso era substancialmente a unidade do Movimento Igreja Local. É claro que não podemos dizer que as congregações que compartilham as mesmas características, atividades e até práticas estejam erradas. Mas é objetável quando tais coisas são legisladas como a unidade do Corpo e com base nelas, algumas igrejas são então ditas “apropriadas” e outras “dissidentes”.

Uma longa tentativa de justificar a abordagem da franquia tem sido o uso dos candelabros em Apocalipse 2 e 3. “Eles são todos iguais”, é o ensinamento do LSM. No entanto, ao ser afirmado sem reservas, esse pensamento apresenta problemas. A simples observação superficial mostrará que existiam muitas diferenças entre as sete igrejas e todas elas não eram negativas. Estas tinham a ver com suas experiências específicas de Cristo (o que Ele era para cada um delas), o ambiente no qual os crentes eram cobrados para vencer e as recompensas prometidas.

A única dimensão em que todas as igrejas eram iguais era em sua realidade e função espiritual. Mesmo assim, os critérios descritos são mais do que magnânicos, abrangendo quase toda assembléia cristã séria que existe nesta terra. Veja o inventário das coisas necessárias de acordo com a interpretação popular dos candelabros: cada um é feito de ouro, significando a natureza santa de Deus, o Pai. Cada um tem a mesma forma - “Cristo, que é a imagem de Deus” (2Coríntios 4:4). Cada um tem o mesmo brilho, significando que sua iluminação vem através do Espírito Santo. Essas questões não podem ser especificadas em uma lista de verificação de coisas físicas. Eles são realidades espirituais. Assim, ao invés de demonstrar uma unidade universal que é pequena e estreita, os candelabros fornecem uma descrição extremamente ampla, admitindo praticamente qualquer congregação saudável.

A legitimidade de uma igreja simplesmente não pode ser determinada usando os mesmos elementos externos que estabelecem uma franquia. Pelo menos de acordo com o quadro do Apocalipse, a única “mesmice” requerida entre as igrejas é a trindade divina. Naturalmente,

essas observações nos conduzem para uma nova maneira de ver outras congregações cristãs. Em vez de condenar seus diferentes estilos de adoração e ministério, devemos fazer perguntas mais profundas. Eles estão vivendo a vida santa, glorificando o mesmo Cristo e tocando o mesmo Espírito? Se não houver indicações definitivas do contrário descrito nas escrituras, devemos ser conservadores sobre a aprovação de julgamentos negativos.

### **Navegando no problema da “Base da localidade”**

Embora a unidade seja um fato fortemente bíblico, o que chamamos de base da localidade (uma cidade – uma igreja) é bem menos certo. Percebo que isso será recebido com algum receio, então declararei minhas convicções positivas desde o início. Acredito que um padrão de cidade–igreja durou ao longo do primeiro século, paralelo ao ministério apostólico original. Há muitos versos que conectam a vida prática da igreja a uma cidade. Este antigo exemplo de prática de assembléia deve convidar nosso respeito. Embora não possamos dizer que, como ensinamento, ela tenha o mesmo selo oficial de verdades bem estabelecidas, como Jesus sendo o Filho de Deus, nem devemos, também, arbitrariamente descartá-la como sem sentido.

No entanto, alguns pensamentos de equilíbrio devem dar uma pausa para os entusiastas que desejam “tomar a base” em todas as cidades. Por um lado, cada menção da igreja da cidade na Escritura é uma descrição, um exemplo, e não envolve ordens. Nenhum verso equivale a um preceito que diz: “Terás uma igreja em cada cidade”. Obviamente, isso levanta a questão de quantos exemplos bíblicos devem contar como verdades vinculantes, especialmente na ausência de um ensinamento ou comando que os acompanhe. Na verdade, temos um suporte bíblico mais claro para a prática de cobrir a cabeça e lavar os pés do que para a base da localidade. Pelo menos em qualquer um desses casos, não havia apenas um exemplo registrado, mas também uma clara determinação de praticar junto com ele. Não é assim com “a base local”. Pensamentos concernentes a sua indispensabilidade somente emergirão da Bíblia com a ajuda de generosas deduções e implicações.

No entanto, com tal hesitante apoio escriturístico, este ensinamento particular da estrutura da igreja foi distorcido em primazia eclesiástica no Movimento da Igreja Local. O tempo e a tradição serviram para transformar o registro bíblico da prática da igreja em regras inflexíveis de forma. Os modelos foram derivados de passagens que, mais do que provavelmente, nunca pretenderam ser padrões.

Tragicamente, o que começou como uma proposição que contém um potencial estimulante – todos os cristãos em uma cidade são uma igreja naquela cidade! - se estreitou lentamente para uma “visão” míope que é virtualmente inabitável entre os cristãos de hoje.

Mesmo se fosse a mente do Espírito Santo ratificar uma-cidade-uma-igreja como uma necessidade prática obrigatória na Bíblia, nos perguntamos sobre a longa cavalgada de figurantes atrelados a ela: *uma-cidade-uma-igreja-uma-liderança-um-lugar-de-encontro-um-horário-um-ministério-um-hinário-uma-Bíblia-uma-tradução-uma-cultura-uma-opinião*.

É duvidoso que um pacote tão desajeitado tenha sido destinado à imposição dos santos através da história da igreja.

No entanto, a rigidez e o peso podem ser o menor dos problemas associados à “base local”. Onde quer que o ensino tenha encontrado aplicação estrita, ele frequentemente causou danos a seus próprios adeptos. Os próprios *Irmãos* se tornaram vítimas da política terrestre da igreja. Ironside escreveu sobre sua “regra única do jogo solene de 'brincar de igreja'... que só poderia haver uma igreja em uma cidade” (84).

Ele contou a história de um homem santo e idoso entre os *Irmãos* que localizou um pequeno grupo de crentes dentro de uma cidade em particular, um grupo piedoso que desenvolveu um interesse pelas coisas espirituais paralelo às linhas dos Irmãos. No entanto, a assembléia local dos *Irmãos* na mesma cidade estava “podre” com “focos impróprias e disputas não-cristãs”. O irmão mais velho decidiu não dirigir o novo grupo à irmandade dos irmãos doentes, mas aconselhou-os a continuar em comunhão sem abolir suas reuniões semanais e começar a partir o pão. Após o retorno à sua assembléia, no entanto, ele foi acusado de “um claro ataque à base do único Corpo”. O novo grupo foi julgado como estando “fora da igreja”. O pastor idoso foi excomungado e sentou-se por meses na parte de trás de sua assembléia “com lágrimas escorrendo pelo rosto”, tendo sido designado para ocupar “o lugar do homem imoral ou o blasfemo” (Ironside, 84-85).

Esta cena é agravada pelo fato de que o homem não era outro senão o Dr. Edward Cronin, um dos fundadores do Movimento dos *Irmãos*. O que se seguiu ao incidente foi um grito de guerra entre os fanáticos para apoiar a quarentena tanto do grupo “fora da lei” quanto de seu instigador, chamado de “o velho e mau médico” (Ironside 89). Aqueles que estavam relutantes em concordar com isso também foram sumariamente excomungados, não menos do que William Kelly, um escritor prolífico e notável santo entre os *Irmãos*. John Nelson Darby implorou de seu leito de morte por misericórdia de Kelly, mas não adiantou nada. Os “guardiões” da ortodoxia da igreja acabariam por destruir Kelly também. Assim, um dos fundadores dos *Irmãos* e alguns de seus mais notáveis mestres se tornaram vítimas do monstro que “a base local” se tornou.

Se a ênfase da igreja na cidade é escriturística (que, acredito, é em princípio, mas não na legalidade), então fique certo de que existe para beneficiar os santos, estimular sua comunhão, promover sua unidade e não ser uma gaiola ou um instrumento de purga. Como Jesus disse, “o

sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”, então também poderíamos dizer que a base local, um preceito bem menor, foi feito para os santos e não os santos para ele.

Nosso mundo contemporâneo também exige mais contemplação quando se trata de aplicar “a base local” nas cidades modernas. O cenário das igrejas da cidade que observamos nas páginas do Novo Testamento não existe mais. Nem esse mundo nem essa comunidade cristã existe neste lado distante de vinte séculos. Fingir que as coisas são iguais só fará com que um cristão hoje pareça muito estranho.

Eu percebo que é arriscado ajustar a prática da igreja com base em uma teoria de mudança de tempos. No entanto, na ausência de quaisquer dados das escrituras para proibi-lo, devemos levar em conta os tempos de mudança. Por um lado, a composição geopolítica das cidades mudou drasticamente. Agora, aglomerados de municípios ocorrem juntos e é duvidoso que o Espírito pretendesse que a unidade fosse medida ao longo de suas fronteiras finitas. Ao contrário, parece que a intenção divina era estabelecer que os crentes que vivem próximos uns dos outros deveriam de alguma forma ter comunhão e coordenação juntos. Infelizmente, a natureza humana sempre consegue apreender algum princípio de conveniência das escrituras e convertê-lo em uma verdade do evangelho que é então legalizada, embalada, empacotada e produzida em massa.

Mudanças não ocorreram apenas no mapa. O Corpo de Cristo em si tem se proliferado e diversificado enormemente para além de todos os esforços humanos para colocá-lo sob o mesmo teto organizacional. Sim, alguns cristãos agiram de forma divisiva durante este processo, mas é terrivelmente míope pensar que toda a difusão da igreja em todos os cantos do globo e em todas as necessidades de gênero, raça e base social veio da atividade sectária. De fato, houve progressos notáveis em termos de como as congregações vêm a si mesmas e as outras. Apenas trinta anos atrás, era um distintivo de honra ser conhecido como “luterano” ou “batista” primeiro e depois como cristão. Agora, muitas congregações recusam completamente os nomes denominacionais, em favor de designações mais simples e mais inclusivas. Entre elas, as principais são as igrejas comunitárias que parecem estar aparecendo em todos os lugares. O maior envolvimento intercongregacional percorre as novas atitudes.

O Movimento da Igreja Local rejeitará tudo isso como ecumênico. No entanto, contra um pano de fundo positivo e cambiante, esses julgamentos semelhantes a *Scrooge* soarão como as piores formas de ignorância. O pilar muito central que o Movimento afirma representar - unidade - parece estar sendo realizado através de outros caminhos.

À medida que o tempo passa, e a igreja em geral avança em direção a “se preparar”, os princípios do Movimento da Igreja Local, que costumavam parecer “de ponta”, começarão a parecer redundantes. Enquanto os membros ensinam incansavelmente a si mesmos e aos outros sobre a unidade, o Senhor a cumpre imperceptivelmente em Seu Corpo, sem fanfarras e emissão

de problemas. Assim, as pessoas que fazem mais barulho sobre os cristãos sendo um em uma cidade podem realmente sentir falta da operação do Espírito naquelas coisas. Seria uma reminiscência dos judeus que ensinavam nas sinagogas sobre o dia e a noite do Messias e depois sentiram sua falta quando Ele veio. Dois mil anos depois, muitos ainda ensinam sobre Ele e esperam encontrá-lo no futuro. Isso continua mesmo quando eles estão cercados de gentios “indignos” que não apenas encontraram o Messias, mas também têm um relacionamento diário com Ele. De maneira semelhante, se a tendência geral de desenvolvimento continuar no público cristão, o Movimento da Igreja Local poderá se encontrar cada vez mais em campanha pela carruagem sem cavalos em um mundo cheio de Cadillacs e aviões a jato.

Talvez o nosso mundo em mudança seja a principal razão pela qual o Espírito se recusou a emitir uma autoridade “Assim diz o Senhor” sobre “a base da localidade”. Qualquer modelo de estrutura da igreja que não permita um alto grau de elasticidade pode prender os santos na definição cultural e espiritual de um tempo passado. A igreja em si endureceria em um tipo de universo *Amish*, uma estranheza irrelevante completamente fora de sincronia com a comunidade circundante.

### **Pensamentos sobre as igrejas da cidade pós-movimento**

“Essa igreja local se desviou!” É uma acusação popular da *Torre de Vigia* do Movimento da Igreja Local. De fato, enquanto o ideal de “base local” for tratado como verdade, seu padrão e acessórios são itens não negociáveis, vinculando todas as pessoas em todos os lugares em todos os momentos. Mudança é uma palavra sinistra, vista com suspeita. Desde que o “padrão” da igreja foi recebido de uma vez por todas, pensa-se, até pequenas alterações podem ser alarmantes.

Vamos considerar esse assunto do precedente. A planta da casa de Deus foi originalmente entregue a Moisés, juntamente com uma ordenança: “veja (...) que você faça todas as coisas de acordo com o modelo que foi mostrado a você na montanha” (Hb 8:6). As características externas da morada de Deus - suas tábuas, linhos, mobília e vasos - eram todas definidas, e, presume-se, deveriam permanecer as mesmas para sempre. Aparece Davi. Provavelmente ninguém no Antigo Testamento amava a casa de Deus mais do que ele, mas ninguém foi mais instrumental em mudá-la. Uma era se passou e o povo de Deus entrou em um novo tempo. Seu progresso espiritual (encabeçado por Davi) praticamente exigiu uma modificação da casa de Deus. Ao longo dos anos, o padrão anterior do tabernáculo em Siló havia se tornado uma casca vazia. Assim, as coisas do tabernáculo foram levadas ao templo e, funcionalmente falando, desapareceram nele (2Crônicas 5:5).

Davi ousou construir uma casa para Deus, não completamente diferente do padrão mosaico original, mas também não idêntica a ele. Sem conhecer o melhor, pode-se dizer que Davi abandonou (se desviou!) do padrão aprovado entregue a Moisés. Mas ele descreveu essas alterações como o produto da revelação divina impressa em suas partes internas (1Cr 28:11-12, 19). O que havia de novo em seu projeto? Tudo. O que foi mantido igual? Tudo, dependendo de como você olha para ele. Embora a estrutura e o mobiliário do templo fossem baseados em desenhos prévios do tabernáculo, eles foram criados em formas muito novas (veja as semelhanças e diferenças comparando Êxodo 25-40 com 1Reis 6-8). No entanto, mesmo que as características externas da casa de Deus sofressem modificações rigorosas, um conjunto de constantes permaneceu intocado. Os temas indispensáveis do sangue propiciatório, da lavagem espiritual, da alimentação e da luz continuavam a ser a maneira única pela qual os homens se aproximavam e comungavam com o Senhor.

Por fim, a realidade da casa de Deus não está em uma coleção de arranjos superficiais. Pelo contrário, é definida pelas realidades espirituais que acompanham a saída da Pessoa e obra de Cristo. Se não conseguirmos pensar desse modo e, em vez disso, continuarmos a considerar as estruturas da Igreja como primordiais, não poderemos explicar as múltiplas bênçãos de Deus derramadas sobre tantos arranjos externos “incorretos” entre as congregações ao longo da história. Nós acharemos difícil explicar por que igrejas com o “padrão” apropriado (de acordo com o Movimento Igreja Local) estão lutando por sobrevivência hoje, ainda que lentamente diminuindo - uma maneira de fato estranha para Deus reivindicar Seu “muito melhor”.

Hoje, vários grupos cristãos estão aumentando dramaticamente, não apenas em números, mas também com discípulos reais, indicando que o sorriso do Senhor está sobre eles. No meio dessa bênção contínua, no entanto, não consigo localizar uma Igreja Local que tenha crescido como seus “primos cristianistas”. Nem senti um fluir de vida em nenhuma das Igrejas Locais que atualmente estão conservadas na cultura do Movimento Igreja Local. Mas eu ouvi muitas histórias de veteranos da igreja sobre como as coisas eram nos anos sessenta e setenta. Sob essas circunstâncias, parece que estamos lidando com outro tabernáculo de Siló, agora praticamente vazio da arca, mas cheio de lembranças de quando costumava estar lá.

Nossa sobrevivência hoje depende do desenvolvimento de novas atitudes flexíveis. Uma delas tem a ver com a maneira como vemos cristãos locais que não se encontram conosco. Eles são nossos concorrentes, nossa maldição ou nosso suprimento de prosélitos? Eu costumava pensar neles como os três. Mas eu não posso ver nenhuma dessas atitudes ruins quando olho pela janela de Romanos 16. Lá, o funcionamento interno de uma igreja da cidade do primeiro século está em exibição, não ensinado, mas mostrado a todos. E o que vemos é uma comunhão que nada sabe da rigidez associada à unidade da Igreja Local.

Em vez disso, a cena está viva com a diversidade não apenas entre os crentes individuais, mas também os grupos (16:5, 10, 11, 14-15). Eu concederia a possibilidade de que todos os santos romanos se encontrassem na casa de Aquila e Priscila (embora Paulo especialmente especifique a igreja que está em sua casa, em vez de simplesmente dizer “a igreja” - Romanos 16:5). Ainda assim, mesmo que todos se reunissem regularmente, Paulo reconheceu identidades de grupo definidas entre eles. Aparentemente, eles estavam juntos o suficiente para transmitir saudações uns aos outros e ainda não tão integrados que as distinções de grupo desapareceram.

Referenciando esse modelo casual de Romanos, os cooperadores do Centro-Oeste (inclusive eu) retomaram nosso trabalho em Uganda, na África. Desapontar os esforços anteriores (que ainda eram de alguma forma influenciados pelo Movimento Igreja Local) produziu uma igreja previsivelmente sem brilho. Cansados da taxa de crescimento estagnada e alarmados por atitudes mais estreitas, começamos a convocar pastores em Kampala (a capital). Nós os convidamos a participar da vida da igreja sem renunciar a nada.

Nossa implementação da “base” permitiria que todo cristão nascido de novo fosse recebido somente com base na fé bíblica. Eles tinham permissão para manter seus locais de reunião, crenças periféricas, línguas nativas, música nativa e, se quisessem, sua identidade e nomes congregacionais específicos. Nem eles precisavam se encontrar com a congregação que Keith Miller havia levantado sob seus cuidados diretos durante a segunda fase do trabalho. Concordamos que uma vez a cada seis ou oito semanas, os líderes da cidade reuniam pessoas de suas congregações para que “toda a igreja se reunisse” (1Coríntios 14:23). Como os problemas de transporte no terceiro mundo são frustrantes, apenas um número limitado pode participar, mas, da contagem mais recente, há mais de setecentos. Com crianças, o número se aproxima de mil.

Além desses grandes encontros corporativos, um trabalhador residente, Keith Miller, realiza oficinas para pastores, dando-lhes ajuda espiritual, mas nunca assumindo nenhuma autoridade oficial sobre eles. Todos são livres para ir e vir como quiserem, e receber o mínimo ou o máximo de ajuda que têm por apetite. Do ponto de vista da cidade, ele compartilha a supervisão administrativa local com esses homens.

Naturalmente, isso provocará gritos de que abraçamos o sistema clérigo-leigos. A verdade é que em vez de “abrir fogo” em qualquer um com um título, decidimos dar um passo atrás e exercitar um pouco de sabedoria reflexiva. Primeiro, tivemos que aceitar o fato de que esses homens criaram as pessoas que estavam com eles e que seria irresponsável dizer a eles que abandonassem seus postos (já havíamos perdido centenas de pessoas ao fazer isso tolaemente). Em vez disso, enfatizamos a necessidade de que fossem genuínos servos dos santos, não reis, e aprendam a trazer os outros para sua função espiritual. Descobrimos que essa é uma estratégia

muito mais vitoriosa do que atacar o sistema pastoral, neutralizando os pastores e dispersando as ovelhas.

Há muitos problemas com o modelo ugandense. Entretanto, como uma abordagem para praticar a igreja da cidade, está anos-luz à frente das suposições do Movimento Igreja Local de que a unidade local é sobre ensinamentos, hinos, ministros, estruturas, líderes, etc. Tais ideias continuam a se mostrar ineficazes em todo o mundo.

É certo que as limitações de tentar transplantar essa abordagem são bastante severas. Uganda é muito diferente em cultura e desenvolvimento cristão do que nações como os Estados Unidos ou o Canadá. Grande parte da África ainda tem as vantagens da simplicidade cristã que os países industrializados não têm. Cair de paraquedas em uma cidade americana e, em seguida, apresentar um plano simples para os líderes da igreja segundo o qual todos devem se reunir vai gerar respostas que vão desde a rejeição à suspeita, e talvez com razão. Movimentos de unidade geralmente acabam nas mãos de um, e não é Jesus Cristo.

Ainda assim, em Columbus, procuramos relações mais amistosas com outros grupos cristãos do que nunca. Exercitamo-nos para ignorar as paredes denominacionais, agindo e vivendo como se elas não existissem. Recentemente, tivemos encontros muito positivos com vários grupos e suas entidades de liderança. Cada caso foi agradável e um deles envolveu recentemente o evento anual de jovens do Mountaintop Youth, onde uma mega-igreja local coordenou-se conosco. Usamos suas instalações, enquanto alguns de seus membros participaram de nossa reunião na manhã de domingo. Nós também unimos forças realizando serviços comunitários em vários subúrbios da área de Columbus.

Durante todos os anos nós pregamos “a base da localidade” como uma crença central, nós nunca tínhamos experimentado tal coisa. Nossa doutrina, embora apresentada como a solução para alcançar a unidade prática, tornou-se uma maneira de excluir os outros. Nem uma vez em nossa história tratamos outro grupo cristão como parte legítima da igreja naquela cidade. Foi um caso onde a relação entre crença e prática estava em um zero igual. No entanto, uma vez que libertamos “a base local” (e nós mesmos) de tantas restrições ridiculamente vinculantes, de repente sentimos como se realmente houvesse apenas uma igreja nesta cidade.

Mesmo que a paisagem da igreja em geral não permita uma estreita coordenação e comunhão, o aumento do contato amigável trará algumas oportunidades importantes. Há muitas coisas espirituais e práticas para se aprender com igrejas em células, igrejas caseiras, mega-igrejas e igrejas comunitárias. Usado apropriadamente, a base da localidade coloca os cristãos próximos uns dos outros para assegurar o compartilhamento das experiências espirituais comuns de todos. Esta abordagem comunitária afetuosa deve evitar que as congregações se tornem anêmicas, encolhendo e morrendo.

Saia, faça visitas e diga às pessoas que você é um estudante do Corpo de Cristo. Muitos que são de coração largo, por sua vez, acolhem a sua presença. Um pouco de humildade pode ir longe, então não tenha medo de admitir que sua igreja não está indo muito bem nesta ou naquela área. Agende compromissos com pessoas-chave, mas tenha em mente que muitos terão sérios problemas de tempo. Eles provavelmente não terão tempo de comunhão por horas.

Como esta partilha de ideias está acontecendo, uma consideração sempre precisa ser mantida em mente. Ou seja, embora a *XYZ Igreja Comunitária* tenha muitas ideias, programas e talvez muita tecnologia bacana, ela provavelmente é composta por um grupo social muito diferente do da sua igreja e tem cinco mil pessoas. Obviamente, se você tentar implementar tudo o que eles têm, você vai “bombardear” as trinta pessoas que estão com você. Deixe a sabedoria temperar tudo. Use as coisas que são úteis ou que podem melhorar razoavelmente o futuro próximo das pessoas com quem você está. Qualquer coisa mais grandiosa do que isso envolve tempo, comunhão, paciência e numerosos passos.

Enquanto isso, aprenda com todos, mas não tente ser todos. A identidade congregacional é importante. Torna-se muito desorientador se a igreja é como um camaleão, constantemente se comprometendo com mudanças aleatórias e generalizadas. A melhor maneira de evitar problemas é entender os recursos, os pontos fortes e os pontos fracos das pessoas atendidas. Comercialize os recursos. Acentue os pontos fortes. Supra as fraquezas.

### **Jogos Sem Nome**

Na nota da identidade congregacional, vamos considerar como uma igreja se identifica com a cidade em que está localizada. Uma das grandes reivindicações das Igrejas Locais é que elas não têm nome. Agora é aí que surge uma contradição séria, porque noventa e nove por cento delas são chamados de “a igreja na cidade”. Um membro fiel da Igreja Local protesta, dizendo: “Isso não é um nome, é uma descrição”. Mas há uma limitação até que ponto o senso comum de uma pessoa permitirá que ele acompanhe esta explicação. Afinal, *Kentucky Fried Chicken* também é uma descrição, mas quando a vemos duplicada em todos os lugares, sabemos que é mais do que uma descrição. É um nome.

“Foi assim que a Bíblia se referiu à igreja”, diz a resposta. E assim entramos no que chamo de “O Jogo do Nome”. Ao consultar a Bíblia, encontramos a igreja na Terra referida como “a igreja em [cidade]” dez vezes, “a igreja de Deus” dez vezes, e “A igreja de Cristo” duas vezes. É claro que, se você verificar o grego original, a palavra “igreja” nunca aparece uma única vez. Está certo. A palavra grega para “igreja” é *ecclesia*, que significa uma reunião chamada/convocada, ou assembleia. Então, para aqueles que desejam permanecer mais próximos

do pensamento apostólico exato, você poderia dizer “a assembleia em [cidade]” ou “a assembleia de Deus” ou “a assembleia de Cristo”. Todos estes, é claro, também são “descrições”.

Com isto em vista, nos perguntamos se faz sentido argumentar em favor da “igreja em [cidade]” enquanto usamos a Bíblia como base para isso. Ecclesia é usada cerca de 115 vezes no Novo Testamento e é sempre incorretamente traduzida como “igreja”, exceto Atos 19:32, 39, 41, onde é traduzida corretamente “assembleia”. A primeira Bíblia completa em inglês era a Bíblia de Tyndale, que apareceu em 1524, e essa Bíblia não usou o termo “igreja” de forma alguma. Usou a palavra “congregação”. Algum tempo depois que a Bíblia de Tyndale foi introduzida, “congregação” começou a ser substituída por “igreja”.

Para aqueles que tomam uma concordância e deduzem que somente a palavra “igreja” deve ser usada para descrever uma congregação em uma cidade, considere esta etimologia desconcertante e pergunte-se se você gostaria de participar do “Jogo do Nome”. “Igreja” é derivada do grego kuriakon, que significa “a casa do Senhor”, e se refere a um edifício. No entanto, a palavra grega kuriakon não ocorre na Bíblia. Sob sua lista de “igreja”, o Dicionário Evangélico Elwell diz que a palavra inglesa “igreja” deriva da tardia palavra grega “kurioton”. Mais tarde do que o grego no qual o Novo Testamento foi escrito. Ao ouvir essa palavra, os apóstolos teriam muito provavelmente dito, “Oi, o quê?” Assim, a simples tradução que pensamos existir entre a ecclesia e a “igreja” é em grande parte fictícia.

Até a palavra inglesa “igreja” tem raízes das quais a maioria de nós não tem consciência. Webster's New World Dictionary (3ª Ed., 1988), nos diz que “igreja” é “derivada da palavra inglesa média church/kirke, que é derivada da antiga palavra inglesa cirice (e da antiga Norse kirkja) que é derivada de O kirika germânico, derivado do grego clássico kyriake (oika), que significa “casa do senhor”. Novamente, toda essa etimologia vem de uma palavra que nem é usada na Bíblia.

Não estou apresentando essas coisas para proibir o uso da palavra “igreja”, influenciar todos os tradutores da Bíblia na Terra a mudarem de “igreja” para “assembleia”, ou lançar repreensões sobre aqueles que usam “igreja” para se identificarem. Eu acredito que “igreja” é uma palavra perfeitamente legítima para uso entre os cristãos (Deus sabe o que queremos dizer quando dizemos isso). Minha queixa é com aqueles que adotam uma posição intolerante sobre a questão do nome quando um estudo de palavras de 30 minutos irá provar que não vale a pena uma guerra.

Ironicamente, todas essas preocupações com o nome certo vêm de um grupo que nega veementemente a posse de um. Recentemente, recebemos um telefonema de um irmão perguntando se havíamos desistido do nome, já que agora somos conhecidos como Columbus Christian Assembly. Um dos presbíteros aqui, por sua vez, perguntou-lhe: “Bem, qual foi o nosso

nome antes?” O ponto é bem aceito. Independentemente de como eles negam, todo grupo sem nome eventualmente é nomeado, e talvez até mais forte do que aqueles ao redor dele.

Anos atrás eu ouvi sobre uma congregação que se recusou a ser chamada de qualquer coisa. Com a passagem de tempo suficiente e com sua forte resistência a nomes se tornarem bem conhecidos, eles acabaram sendo chamados de “O Grupo Sem Nome”. Esse era o nome deles. O mesmo se aplica aos grupos simples de irmãos não-denominados do século XIX que se tornaram “Os Irmãos”. Também vemos “a Igreja de Cristo” e “a Igreja de Deus” começando com a intenção de evitar o zoológico denominacional. Eles escolheram uma maneira completamente bíblica de se descrever, mas foram claramente nomeados, com o passar do tempo. Hoje, quando esses grupos fazem esforços para dizer: “Essa é apenas nossa descrição”, isso se resume a discussões sobre semântica. Eles estão na lista telefônica, registrados no estado, têm um sinal e são identificados pelas pessoas ao seu redor. Eles têm um nome.

Toda essa resistência à identidade congregacional talvez esteja perdendo o sentido. Há apenas um nome no Novo Testamento que nos é dito para nunca negar ou mudar. Não é o que chamamos de congregação, é o que chamamos de nosso Salvador. “O nome” não é “a igreja em [cidade]”. É Jesus Cristo. Muitas pessoas do Movimento Igreja Local costumam negligenciar esse ponto.

Eu pessoalmente não trato a área dos nomes das igrejas como algo propício, especialmente porque a Bíblia designa igrejas por localização geográfica. Muitos cristãos se tornaram criativos e partiram desse pensamento (ou seja, o vinhedo, a Calvary Chapel, o Mars Hill, o Mosaico, os Xenos ou os batistas, os metodistas, os presbiterianos, etc.). Mas tornar a questão de nomes um problema é o caminho mais rápido para invalidar a alegação de não ter um. O desafio em nossa direção sempre será: “Então, pelo que devemos ser chamados?” Os membros da Igreja Local, é claro, responderão com “a resposta certa” da “igreja em uma cidade”, fazendo exatamente o que eles condenam (é claro, eles não vão perceber isso). No debate que se segue, a perda real será sempre a unidade do Espírito, que a “base local” e o “nome próprio” deveriam preservar. A igreja da cidade é invalidada quando uma postura denominacional agressiva ou não-confessional é adotada, restringindo assim a comunhão intercongregacional.

À medida que examinamos essas considerações muito mais liberais da igreja local, os problemas podem muito bem aparecer. O desvelamento congregacional poderia ocorrer, já que os atuais membros da igreja não se sentem mais limitados pela aplicação estrita da “base local”. Nem as advertências sobre deixar a vida da igreja têm o mesmo efeito eletrizante de antes. Sem a restrição de uma cidade e uma igreja, os santos podem correr soltos. No entanto, mesmo os mais fiéis à “base local” têm sido acessórios na destruição de igrejas locais.

A eclesiologia é notoriamente impotente para restringir a carne. Quando sentimentos divisivos são despertados no coração humano, filosofias de unidade murçam. Foi por isso que Paulo não confrontou a divisiva situação coríntia com um ensinamento da “base local”. Ele teve uma oportunidade perfeita - possivelmente a melhor em todas as escrituras - para adotar o padrão uma-cidade-uma-igreja. Ele poderia ter dito: “Ó, tolos coríntios, vocês não sabem que existe uma igreja em uma cidade?” Em vez disso, ele lidou com o coração, não com a prática da igreja, apresentando “Cristo, e este crucificado” como a solução.

Na verdade, isso coloca uma tremenda responsabilidade sobre nós, como líderes, em considerar a qualidade do discipulado que estamos dando às pessoas. Se, em um ambiente eclesial, as pessoas podem facilmente sair e ir para outro lugar, isso diz algo sobre a vida cristã promovida naquela cultura congregacional. A ética do amor e do perdão, o auto-sacrifício e a graça foram profundamente implantados na psique de membros ou, na primeira ofensa, eles correm para uma saída?

Substância espiritual real deve penetrar em nossos relacionamentos. Sem isso, as visões da igreja e os ensinamentos da unidade só podem sustentar artificialmente um grupo de pessoas. Devemos ser um com o outro como Cristo é um com o Pai. Quando estruturas como a “igreja da cidade” podem ajudar a facilitar isso, nós as endossamos cordialmente. Mas quando essas estruturas começam a ofender a própria realidade que elas afirmam preservar, então é hora de ajustá-las ou mudá-las.

Ironside, H.A. *A Historical Sketch of the Brethren Movement* (Loizxeau Brothers, 1985).